

Sem-teto invadem área de proteção ambiental

Ocupação põe em risco bacia hidrográfica responsável pelo abastecimento de água da cidade baixa

Jony Torres

Fogo, facões, lonas plásticas e pessoas, centenas delas. Tudo o que deveria ficar bem longe de uma das últimas reservas de mata atlântica de Salvador está presente na área de proteção ambiental (APA) do Rio do Cobre/São Bartolomeu. Desde ontem, pelo menos 800 sem-teto invadiram uma área de aproximadamente 200 mil metros quadrados, próxima à Lagoa da Paixão, em Coutos (Subúrbio Ferroviário), colocando em risco a bacia hidrográfica responsável pelo abastecimento de água de toda a cidade baixa.

O terreno, onde nada pode ser construído, abriga pelo menos 300 barracos erguidos num único dia. A ocupação, já sob o controle do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), começou de forma espontânea, motivada pela demora da entrega das casas populares prometidas pela Companhia de Desenvolvimento Urbano da Bahia (Conder). Uma reunião hoje, às 9h da manhã, vai tentar encontrar uma solução para o impasse. As lideranças já afirmam que existem pelo menos 2.200 famílias cadastradas na Conder.

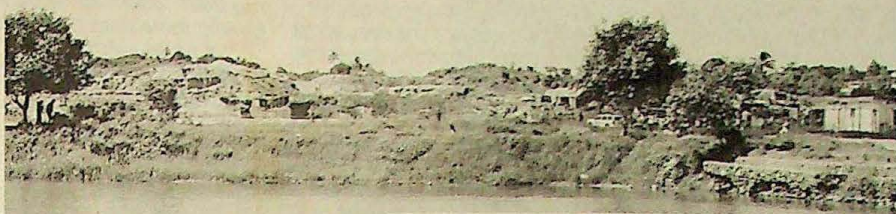
Sem a organização das ações capitaneadas pelos movimentos sociais, os sem-teto colocaram fogo em áreas de mata para montar os barracos e usaram pedaços de madeira retirados da própria área. Uma situação de perigo ambiental, segundo palavras do gestor da APA, Humberto Chagas, da Secretaria Estadual

do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh). Ele esteve ontem à tarde no local e tentou passar algumas informações sobre os riscos de degradação, caso os ocupantes permanecessem.

"Vocês precisam saber que aqui dentro é uma área de preservação. A vida de uma cobra, de uma formiga e uma árvore são muito importantes para a manutenção do ecossistema. Se o rio ou a lagoa forem poluídas, muita gente não terá água para beber", tentava explicar Humberto, cercado por quase uma centena de pessoas. A maioria observava, mas só queria mesmo era saber quem estava cadastrando os nomes para uma futura doação de casas populares.

"Não quero saber de formiga nem cobra. Eu preciso é de casa, pois tenho três filhos e nenhum lugar para morar", bradou a desempregada Fernanda Santos de Jesus. Sem poder fazer muito, o gestor da APA, sozinho, praticamente implorou para pelo menos o fogo ser apagado. "Vamos fazer uma brigada de incêndio para apagar todas as fogueiras e pedir para ninguém jogar lixo ou usar a água da lagoa", garantiu Joquielson Batista, militante do MSTs.

Nascentes - Com aproximadamente 1.134 hectares, a APA abriga as nascentes de dois rios integrantes da Bacia do Cobre. Além da importância ambiental, tem um rico passado histórico onde já foram travadas lutas pela Independência do Brasil e teria inclusive abrigado escravos fugidos, formando o Quilombo dos



Lagoa da Paixão, em Coutos, está sendo ameaçada pela ocupação de centenas de sem-teto



Urubus, no século XIX. Atualmente, no local, existem dezenas de residências próximas à Lagoa da Paixão e aproximadamente 160 famílias vivendo numa localidade conhecida como Vila Serena. Segundo a Semarh, já existem estudos para a retirada destas construções. Mas a permanência de pessoas morando de

forma irregular incentiva a chegada de mais gente.

Enquanto a fumaça dos vários focos de queimada tomava conta do ambiente, centenas de sem-teto continuavam a chegar. Alguns, já carregavam pertences, roupas e outros apenas chegavam procurando uma área ainda livre. A cada família era destinada uma

área de aproximadamente 72m². A desempregada Maria Dulce, mora no Bairro da Paz, antiga invasão das Malvinas, e ficou sabendo da ocupação através do boca-a-boca. Apesar de ter residência, ela justifica a invasão. "Não é para mim. Minha filha não tem casa e ainda mora comigo, apesar dos filhos", disse Maria.

REICINDÊNCIA

ESTA É A segunda ocupação na área de proteção ambiental (APA) do Rio do Cobre/São Bartolomeu. Na semana passada, aproximadamente dez barracos foram retirados pacificamente por funcionários da Conder. Eles foram montados bem próximos à margem da lagoa, uma área de proteção permanente. "As pessoas foram chegando e fazendo os barracos, mas avisamos e eles mudaram para no mínimo 200 metros longe da lagoa", afirmou Pedro Cardoso, coordenador estadual do MSTs. No entanto, alguns barracos estão há pouco mais de 50 metros do espelho d'água.

Protesto em Cajazeiras

Flávio Costa

Cerca de 30 sem-tetos interromperam por meia hora o tráfego de uma das faixas da Avenida Herculano Menezes, em Cajazeiras V, na manhã de ontem. O protesto foi contido por policiais militares, que retiraram os pneus queimados da pista. Os manifestantes ocupam um terreno que pertence à Companhia de Desenvolvimento Urbano (Conder), às margens da via, e reivindicam que órgão estadual regularize a invasão. No local, vivem mais de 60 famílias em barracos de lonas ou taipas em péssimas condições de higiene.

Os primeiros invasores do terreno chegaram ao local há 18 anos. Há dois meses, parte do terreno foi ocupada por mais de 30 famílias ligadas ao Movimento dos Sem Teto de Salvador (MSTS). Na semana passada, funcionários da Conder retiraram as barracas de lonas destes ocupantes, segundo relatos dos militantes. "Eles vieram aqui levaram nosso material, nossas lonas. Fizemos isso duas vezes na semana passada", diz o líder do acampamento, Antônio Barbosa. Ele afirmou que tentou, sem sucesso, marcar audiências com a presidente da Conder, Maria Del Carmen. "Nós nunca fomos atendidos. Nós queremos regularizar nossa situação, mas eles não querem diálogo".

Após o protestos, os sem-

tetos voltaram a armar as barracas com pedaços de paus e lonas encontradas no depósito de lixo do bairro. A maioria dos integrantes pagava aluguel em casa da região. "Não adianta eles demolirem nossas barracas, a gente vai montar tudo de novo", ameaçou outro sem-teto, Edvaldo Oliveira.

Já os ocupantes mais antigos do local, que não estão ligados ao MSTs, afirmam que técnicos da Conder recolheram dados dos moradores há três anos, mas nenhuma providência foi tomada. Assim como os sem-tetos, estas pessoas vivem em condições dignas de países africanos dos mais baixos índices de desenvolvimento humano (IDH).

Não há banheiros nos barracos de taipas de um cômodo. Água e luz são fornecidas através de "gatos". As crianças andam descalças e sujas. O mau cheiro se alastra. "Eles (os funcionários da Conder) não nos dão nenhuma resposta e nem deixam que a gente construa nada", afirma o auxiliar de serviços gerais, José Pereira.

A reportagem entrou em contato com a Conder, através de sua assessoria de imprensa, para obter esclarecimentos sobre a situação e reivindicações dos ocupantes do terreno na Avenida Herculano Menezes. Contudo, o órgão não respondeu aos questionamentos até o fechamento desta edição.

Antonio Saturnino



Sem-teto queimaram pneus em avenida de Cajazeiras